

A PULSÃO ESCÓPICA E A ÓPTICA DO PSIQUISMO

Cintia Rita de Oliveira Magalhães e Maria Isabel de Andrade Fortes

O cotidiano das relações humanas demonstra-nos que é possível olhar sem ver e ouvir sem escutar. É a vivência da alienação psíquica, pois essas percepções implicam a presença do outro. O ato de ver assim como o de escutar, essencialmente, consiste, antes de ter passado pela filtragem de nossa história afetiva e representativa, mas acima de tudo, de nossa percepção acerca do mundo e de nós mesmos, em nossa predisposição de significar o que vemos ou ouvimos do outro dando algum sentido. O que não ocorre com os animais, mas é próprio do ser humano, isto é, resistir e encontrar significação no que lhe é transmitido por outrem.

Em diversos momentos de sua obra, Freud faz referência ao chamado sistema percepção consciência (Pcpt-Cs) destacando a importância das impressões visuais, auditivas, táteis, entre outras para a organização do psiquismo. Porém, a visão parece ter lugar de destaque entre os demais sentidos, a ponto de Freud aventar em 1930 a possibilidade de que haja um recalque orgânico do olfato, sentido que ficou em posição inferior aos demais na constituição do sujeito humano. A aquisição da postura ereta por parte do homem, segundo Freud, provocou um afastamento entre os órgãos sexuais e os olfativos. Conseqüentemente, o olfato perde sua função de mediador das trocas sexuais entre indivíduos da espécie e a visão passa a ocupar este lugar.

Ao desenvolver a questão da sexualidade infantil, Freud defende que as primeiras experiências de satisfação são auto-eróticas e estão ligadas a funções vitais, ou seja, as pulsões sexuais surgem apoiadas nas de autoconservação. Esta é a razão pela qual as pessoas responsáveis pelos cuidados como a alimentação e a proteção se tornam os primeiros objetos sexuais. Segundo o psicanalista vienense, primordialmente, o ser humano tem dois objetos sexuais: ele mesmo e a mulher que ocupa o lugar de cuidadora, o que o leva a pressupor que há, em todos nós, um narcisismo primário que pode se manifestar na escolha de objeto. Para Freud, o desenvolvimento do Eu depende de um distanciamento deste narcisismo, ao mesmo tempo em que produz um anseio de recuperá-lo. Isso nos leva ao entendimento da noção de que o Eu só se constitui na presença do outro.

Na perspectiva freudiana o Eu é entendido como a projeção de uma superfície e esta, nada mais é, do que a superfície do corpo próprio. As imagens ópticas e o olhar do Outro são os componentes necessários para que este Eu se constitua como corpo. Estes

componentes permitem que este corpo que, inicialmente é auto-erótico e dividido em zonas, ganhe unidade. O que propicia a unificação corporal é o fato de uma nova ação psíquica se somar ao auto-erotismo. Esta ação é denominada narcisismo.

Em Lacan, encontramos a noção de estágio de espelho que também se configura como um paradigma da formação do Eu. Esta noção é descrita pelo autor como uma experiência de júbilo vivenciada pela criança diante de sua imagem refletida em um espelho. Esta experiência é responsável pelo surgimento de uma matriz primordial do Eu, possibilitando que o sujeito tome consciência de seu corpo como uma totalidade. Nota-se que, num primeiro momento, o estágio do espelho também se caracteriza como uma vivência extremamente visual.

Diante disto, neste trabalho, buscaremos demonstrar a predominância da visão em relação aos outros sentidos na constituição do psiquismo para a psicanálise, a partir de um breve estudo da noção freudiana de pulsão escópica.

A pulsão escópica

Durante alguns anos Freud reuniu elementos que, futuramente, constituíram sua teoria da sexualidade. Alguns de seus trabalhos eram permeados pela ideia da sexualidade como causadora das psiconeuroses. As observações clínicas demonstravam que experiências de caráter traumático que eram recalcadas referiam-se a conflitos de ordem sexual que se configuravam como fator desencadeador dessas neuroses. Porém, é em 1905¹ que a temática da sexualidade aparece como ponto central em sua obra. É nesse trabalho que ele admite, sem hesitação, a sexualidade infantil como algo essencial em sua teoria.

Freud nos apresenta a sexualidade infantil como perversa polimorfa e utiliza o chuchar como exemplo de manifestação dessa sexualidade. Segundo ele, nessa prática sexual a satisfação da pulsão se dá no próprio corpo, ou seja, ela é auto-erótica. “O ato da criança que chucha é determinado pela busca de um prazer já vivenciado e agora lembrado. No caso mais simples, portanto, a satisfação é encontrada mediante a sucção rítmica de alguma parte da pele ou da mucosa.”²

¹ FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)**. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

² Idem, *Ibidem* p. 171

No chuchar ou sugar com leite já podemos observar as três características essenciais de uma manifestação sexual infantil. Esta nasce apoiando-se numa das funções somáticas vitais, ainda não conhece nenhum objeto sexual, sendo *auto-erótica*, e seu alvo sexual acha-se sob o domínio de uma *zona erógena*. Antecipemos que essas características são válidas também para a maioria das outras atividades das pulsões sexuais infantis.³

A partir do chuchar Freud pode caracterizar o que é uma zona erógena. Ele a define como “uma parte da pele ou mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade”.⁴ Freud afirma que há zonas erógenas predestinadas, porém qualquer parte da pele ou da membrana mucosa pode assumir esse papel. Sendo assim, a qualidade do estímulo tem maior relação com a produção da sensação prazerosa do que com a natureza da parte envolvida. Ele ressalta também que os cuidados destinados à criança como carícias, embalos e beijos são fonte de intensa excitação dessas zonas erógenas. Esses cuidados originados de um cuidador que, usualmente, é a mãe são responsáveis pelo despertar da pulsão sexual na criança.

Freud destaca, também, a importância do tocar e do olhar para a sexualidade humana. Segundo ele, o contato com a pele do objeto sexual é uma fonte de prazer e produz um afluxo de excitação renovada.

O mesmo se dá com o ver, que em última análise deriva do tocar. A impressão visual continua a ser o caminho mais freqüente pelo qual se desperta a excitação libidinosa, e é com a transitabilidade desse caminho [...] que conta a seleção natural ao fazer com que o objeto sexual se desenvolva em termos de beleza. A progressiva ocultação do corpo advinda com a civilização mantém desperta a curiosidade sexual, que ambiciona completar o objeto sexual através da revelação das partes ocultas.⁵

Mais adiante, Freud nos apresenta o conceito de pulsão como “o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do ‘estímulo’, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico”.⁶ Ele afirma ainda que “a fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico”.⁷

³ Idem, Ibidem p. 172

⁴ Idem, Ibidem p. 172

⁵ Idem, Ibidem, p. 148 e 149.

⁶ Idem, Ibidem, p. 159.

⁷ Idem, Ibidem, p. 159.

Em relação às excitações pulsionais de natureza sexual, Freud entende que o órgão que é fonte desta excitação é uma zona erógena e, em função disso, se comporta “em todos os aspectos como uma parte do aparelho sexual”⁸, ou ainda, como um substituto da genitália. Este é o caso, por exemplo, da escopofilia e do exibicionismo.

Cinco anos depois, em um trabalho sobre a perturbação psicogênica da visão⁹, Freud nos apresenta a cegueira histérica como um tipo de perturbação visual psicogênica. Segundo ele, no histérico “a ideia de estar cego surge [...] espontaneamente”¹⁰, ela não é consequência da sugestão ou insinuação de um hipnotizador .

Experiências apropriadas demonstraram que as pessoas que ficam cegas em virtude de histeria veem, não obstante, em certo sentido, mas não completamente. As excitações no olho cego podem provocar certas consequências psíquicas (por exemplo, podem provocar emoções) muito embora não se tornem conscientes. Assim, as pessoas histericamente cegas só o são no que diz respeito à consciência; em seu inconsciente elas veem. São observações como estas que nos levam a distinguir os processos mentais conscientes dos inconscientes.¹¹

Para Freud, a cegueira histérica não é consequência de uma ideia auto-sugestiva de que não se pode enxergar, mas sim “de uma dissociação entre os processos inconscientes e conscientes no ato de ver”¹². O inconsciente em psicanálise é um conceito dinâmico que consiste em uma luta de forças que dá origem à vida psíquica. As perturbações psicogênicas da visão resultam do recalque de ideias relacionadas à visão, ou seja, “essas ideias entraram em oposição a outras ideias, mais poderosas”¹³, localizadas no Eu e submetidas ao recalque. A oposição entre essas ideias é uma expressão do conflito entre as diversas pulsões, mais especificamente, as pulsões sexuais que buscam a obtenção da satisfação sexual e as pulsões do Eu, cujo objetivo é a autopreservação do indivíduo.

⁸ Idem, Ibidem, p. 160.

⁹ FREUD, S. **A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão (1910)**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol.XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

¹⁰ Idem, Ibidem, p. 221.

¹¹ Idem, Ibidem, p. 221, 222.

¹² Idem, Ibidem, p. 222.

¹³ Idem, Ibidem, p.223.

As pulsões sexuais e as do Eu têm, em geral, os mesmos órgãos e sistemas de órgãos a seu serviço. Assim como em 1905, Freud esclarece que “o prazer sexual não está apenas ligado à função dos genitais”¹⁴. Os olhos, por exemplo,

[...] percebem não só alterações no mundo externo, que são importantes para a preservação da vida, como também as características dos objetos que os fazem ser escolhidos como objetos de amor — seus encantos.¹⁵

Quanto mais próxima é a relação de um órgão, que possui uma função dupla desta espécie, com uma das principais pulsões, mais ele se afasta da outra. Este processo conduzirá a consequências patológicas, se as pulsões fundamentais estiverem desunidas ou se o Eu mantiver o recalque da pulsão em questão. No caso dos olhos e da visão, Freud supõe que quando a pulsão sexual faz uso do olhar para a obtenção de prazer sexual, esta última pode atrair para si a ação defensiva das pulsões do Eu “em consequência de suas exigências excessivas, de maneira que as ideias através das quais seus desejos se expressam sucumbam”¹⁶ ao recalque e sejam impedidas de se tornarem conscientes. O Eu “se recusa a ver outra coisa qualquer, agora que o interesse sexual em ver se tornou tão predominante.”¹⁷

Fica evidente que, para Freud, a pulsão sexual, ao tomar o olhar como seu objeto e ao aumentar a excitabilidade sobre este, faz com que o Eu desencadeie o processo de recalque que resultará em uma perturbação na função do órgão. Portanto, o olho é considerado um órgão que está a serviço de dois senhores: pulsões do Eu e pulsões sexuais. No primeiro caso ele serviria para a apreensão da realidade e no segundo teria uma função sexual.

Em 1915, Freud escreve sobre a pulsão e seus destinos. Ele inicia esse trabalho afirmando que “a pulsão seria um estímulo para o psíquico”¹⁸. Porém, o autor ressalta que pulsão e estímulo psíquico não são equivalentes. Há outros estímulos, além dos estímulos pulsionais, que se comportam de maneira muito mais semelhante a dos estímulos fisiológicos. “Por exemplo, uma luz forte que atinge o olho não é um estímulo pulsional, estaremos diante de um estímulo pulsional quando algo como a

¹⁴ Idem, Ibidem, p.225.

¹⁵ Idem, Ibidem, p. 225.

¹⁶ Idem, Ibidem, p. 226.

¹⁷ Idem, Ibidem, p. 226.

¹⁸ FREUD, S. **Pulsões e destinos das pulsões.** (1915). In: Obras Psicológicas de Sigmund Freud, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p.146.

secura da membrana mucosa da faringe ou a irritação da membrana mucosa do estômago se fizer perceptível.”¹⁹

Posteriormente, Freud traça uma distinção entre um estímulo pulsional e outro estímulo (fisiológico) que atua no psiquismo. “O estímulo pulsional não provém do mundo externo, mas do próprio interior do organismo”.²⁰ Por essa razão, não há como fugir dele. A pulsão é uma força constante e, para Freud, o melhor termo para caracterizá-la é necessidade. Aquilo que interrompe momentaneamente uma necessidade é denominado satisfação. “Essa satisfação só pode ser alcançada por meio de uma alteração direcionada e específica (isto é, adequada) da fonte interna emissora de estímulos.”²¹

A seguir, Freud nos apresenta a pulsão “como um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo.”²² Essa conceituação é muito semelhante à apresentada por ele em 1905, porém, em 1915, o autor complementa sua concepção sobre o tema descrevendo os quatro componentes da pulsão que são: a pressão [*Drang*], meta [*Ziel*], objeto [*Objekt*] e fonte [*Quelle*].

A pressão de uma pulsão é “a soma da força ou a medida de exigência de trabalho que ela representa. [...] é uma propriedade universal das pulsões, na verdade, sua própria essência.”²³ A fonte é o “processo somático que ocorre num órgão ou em uma parte do corpo, e do qual se origina um estímulo representado na vida psíquica pela pulsão.”²⁴ O objeto da pulsão é

aquilo em que, ou por meio de que, a pulsão pode alcançar sua meta. Ele é o elemento mais variável na pulsão e não está originariamente vinculado a ela, sendo-lhe apenas acrescentado em razão de sua aptidão para propiciar a satisfação. Em rigor, não é preciso ser um outro [*fremd*] objeto externo, pode muito bem ser uma parte de nosso próprio corpo. Ao longo dos diversos destinos que a pulsão conhecerá, o objeto poderá ser substituído por intermináveis outros objetos, e a esse movimento de deslocamento da pulsão caberão os mais significativos papéis²⁵

¹⁹ Idem, Ibidem, p. 146.

²⁰ Idem, Ibidem, p. 146.

²¹ Idem, Ibidem, p. 146.

²² Idem, Ibidem, p.148.

²³ Idem, Ibidem, p.148.

²⁴ Idem, Ibidem, p.149.

²⁵ Idem, Ibidem, p.149.

Por último, “a *meta* de uma pulsão é sempre a satisfação, que só pode ser obtida quando o estado de estimulação presente na fonte pulsional é suspenso”.²⁶

Freud nos apresenta em seguida, os destinos possíveis para a pulsão: a transformação em seu contrário, o redirecionamento contra a própria pessoa, o recalque e a sublimação. Ao buscar um destes caminhos, o objetivo da pulsão seria alcançar a satisfação que será sempre parcial.

Tratando-se da transformação em seu contrário, isso se dá a partir da mudança da passividade para a atividade representada pelos pares de opostos sadismo/masochismo e voyeurismo/exibicionismo; ou da inversão de seu conteúdo, cujo único representante seria a transformação do amor em ódio.

Em relação à transformação em seu contrário, Freud destaca que apenas a meta da pulsão é afetada, ou seja, a finalidade ativa (torturar, ficar olhando) é substituída pela finalidade passiva (ser torturado, ser olhado).

Ao investigar o par de opostos voyeurismo/exibicionismo, Freud expõe as seguintes etapas: (a) o ato de ficar olhando como uma atividade dirigida para um objeto estranho; (b) “a renúncia ao objeto”²⁷, direcionando-se a pulsão escópica para uma parte do próprio corpo e, em vista disso, ‘a transformação da atividade em passividade e a escolha de uma nova meta: a de ser olhado’²⁸; (c) a introdução de um novo sujeito diante do qual a pessoa se mostra com a finalidade de ser olhada por ele. Para Freud, isto deixa claro que a meta ativa é anterior à meta passiva, ou seja, que o olhar precede o ser olhado. Porém, Freud reconhece que no caso da pulsão escópica há uma fase anterior àquela apresentada na proposição (a), pois, no início de sua atividade, esta pulsão é auto-erótica, isto é, ela encontra seu objeto no próprio corpo. “Só mais tarde ela se vê levada (pela via da comparação) a trocar esse objeto por um objeto análogo situado em um outro corpo.”²⁹

Freud se detém ainda a explicar a diferença entre auto-erotismo e narcisismo a partir da relação deste com a pulsão escópica. De acordo com o autor, ficamos habituados a nomear narcisismo a fase inicial do desenvolvimento do Eu, durante a qual suas pulsões sexuais encontram satisfação auto-erótica. No entanto, Freud esclarece que a etapa preliminar da pulsão escópica, na qual o próprio corpo é tomado como objeto, pertence ao narcisismo.

²⁶ Idem, *Ibidem*, p. 148.

²⁷ Idem, *Ibidem*, p.154.

²⁸ Idem, *Ibidem*, p.154.

²⁹ Idem, *Ibidem*, p.154.

A pulsão de olhar ativa se desenvolve justamente pelo abandono dessa etapa narcísica, ao passo que a pulsão de olhar passiva manterá o objeto narcísico aprisionado. De modo análogo, pode-se dizer que a transformação do sadismo em masoquismo significaria um retorno ao objeto narcísico. Em ambos os casos, por meio da identificação, o sujeito narcísico sofre uma troca por outro Eu estranho. Portanto, [...] chegamos a uma visão mais abrangente, segundo a qual os destinos pulsionais de redirecionamento contra o próprio Eu e de transformação de atividade em passividade são dependentes da organização narcísica do Eu e carregam a marca dessa fase.³⁰

Freud destaca que os pares de opostos sadismo/masoquismo e voyerismo/exibicionismo são as pulsões mais conhecidas entre as que se manifestam de maneira ambivalente.

Os outros componentes que mais tarde farão parte da função sexual ainda não estão suficientemente acessíveis à análise para que possamos discutí-los. Todavia, podemos genericamente dizer que as atividades desses componentes são auto-eróticas, isto é, que o aspecto mais importante é o órgão do qual emanam, sua fonte, e que o objeto é o elemento de menor importância, e quase sempre coincide com o próprio órgão. Entretanto, no caso da pulsão de olhar, cabe mencionar que, embora o objeto também seja, no início, uma parte do próprio corpo, ele não é o olho em si. Também no sadismo, a fonte orgânica, que provavelmente é a musculatura capaz de exercer uma ação, remete diretamente a outro objeto, ainda que situado no próprio corpo. Assim, entre as pulsões auto-eróticas, o papel da fonte orgânica é tão decisivo que, seguindo a hipótese muito sugestiva de P. Federn (1913) e L. Jekels (1913), diremos que a forma e a função do órgão é que decidirão a respeito da atividade e passividade da meta pulsional.³¹

Após percorrer brevemente o percurso freudiano em direção à construção do conceito de pulsão escópica, fica evidente que a visão ocupa um lugar privilegiado em relação aos demais sentidos na obra de Freud. Porém, segundo Quinet, o conceito de pulsão escópica possibilitou que a psicanálise restituísse uma função de atividade para o olho como fonte de libido e não de visão. “Onde os antigos têm o conceito de raio visual e o fogo do olhar, a psicanálise descobriu a libido de ver e o objeto olhar como manifestação da vida sexual. Lá onde estava a visão, Freud descobre a pulsão”³². Portanto, não basta “ver” é preciso “ser visto”.

³⁰ Idem, *Ibidem*, p.156.

³¹ Idem, *Ibidem*, p. 156.

³² QUINET, A. Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 10.